Na França sitiada pelos nazistas, duas irmãs se veem em polos opostos ao encarar o inimigo comum

KRISTIN HANNAH

12 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

O Rouxinol

ARQUEIRO

O Rouxinol

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Matthew Shear. Amigo. Mentor. Campeão.

Sentimos sua falta.

E para Kaylee Nova Hanna, a nova estrela do nosso mundo.

Seja bem-vinda, garotinha.

UM

D

9 de abril de 1995
Costa do Oregon

Se há uma coisa que aprendi nesta minha longa vida foi o seguinte: no amor, nós descobrimos quem desejamos ser; na guerra, descobrimos quem somos. Os jovens de hoje querem saber tudo sobre todo mundo. Acham que falar a respeito vai resolver um problema. Eu venho de uma geração mais calada. Nós entendemos o valor do esquecimento, o fascínio da reinvenção.

Porém, ultimamente, tenho pensado sobre a guerra e sobre o meu passado, sobre as pessoas que perdi.

Perdi.

Pode parecer que estou dizendo que as pessoas que eu amava se extraviaram; talvez que eu as tenha deixado em um lugar ao qual não pertenciam e tenha ido embora, confusa demais para refazer meus passos.

Mas elas não estão perdidas. Nem estão em um lugar melhor. Morreram. Com a proximidade do fim dos meus dias, sei que a dor, assim como o remorso, se fixa em nossas células e se torna parte de nós para sempre.

Envelheci nesses meses, desde a morte do meu marido e de quando recebi o meu diagnóstico. Minha pele tem a aparência enrugada de uma folha de papel-manteiga que alguém tentou desamassar para usar de novo. Meus olhos falham com frequência – no escuro, ou com o piscar dos faróis, ou quando chove. É enervante não poder confiar na própria visão. Talvez seja por isso que me pegue olhando para trás. O passado tem uma nitidez que já não vejo no presente.

Quero imaginar que haverá paz quando eu partir, que vou reencontrar todas as pessoas que amei e perdi. Pelo menos que serei perdoada.

Mas sei que não é bem assim, não é?

X

Minha casa, que recebeu o nome de The Peaks pelo barão da madeira que a construiu um século atrás, está à venda, e estou me preparando para me mudar porque meu filho acha que é o que devo fazer.

Ele tenta cuidar de mim para mostrar quanto me ama nestes tempos tão difíceis, por isso aceito seu jeito controlador. Que importância tem onde vou morrer? Essa é a questão, na verdade. Não importa mais onde eu viva. Estou encaixotando a vida que estabeleci em uma praia do Oregon quase cinquenta anos atrás. Não tem muito que eu queira levar comigo. Mas há uma coisa.

Alcanço a manivela que controla a escada para o sótão. A escada se desdobra a partir do teto, como um cavalheiro que estende a mão.

Os frágeis degraus balançam sob meus pés quando subo. O sótão tem cheiro de mofo e bolor. Uma única lâmpada pende do teto. Puxo a correntinha.

É como estar a bordo de um antigo navio a vapor. Tábuas de madeira largas forram as paredes; teias de aranha deixam as reentrâncias prateadas e pendem em madeixas dos vãos entre as tábuas. O teto é tão íngreme que só consigo ficar em pé bem no meio do recinto.

Vejo a cadeira de balanço que usava quando meus netos eram crianças, um velho berço e um cavalo de balanço capenga assentado sobre molas enferrujadas, a cadeira que minha filha estava restaurando quando adoeceu. Há caixas guardadas ao longo das paredes, marcadas com "Natal", "Ação de Graças", "Páscoa", "Dia das Bruxas", "Louça", "Esportes". Dentro das caixas, as coisas que não uso mais, mas das quais não consigo me separar. Para mim, admitir que não vou mais enfeitar uma árvore de Natal é como desistir de algo, e nunca fui boa em abrir mão das coisas. Enfurnado em um canto está o que procuro: um velho baú coberto de etiquetas de viagem.

Com certo esforço, arrasto o pesado baú até o meio do sótão, até que fique embaixo da lâmpada do teto. Ajoelho-me ao lado dele, mas a dor nos joelhos é lancinante, por isso chego para trás e me sento apoiada nos calcanhares.

Pela primeira vez em trinta anos, abro a tampa do baú. Dentro, há uma bandeja cheia de recordações de bebês. Sapatinhos, moldes de mãos em cerâmica, desenhos feitos com giz de cera povoados por bonequinhos e sóis sorridentes, boletins escolares, fotos de apresentações de dança.

Levanto a bandeja, pousando-a ao lado do baú.

As lembranças no fundo dele são uma pilha bagunçada: diversos jornais desbotados com encadernação de couro; um maço de antigos cartões-postais amarrados com uma fita de cetim azul; uma caixa de papelão com um dos cantos amassado; uma coleção de livros finos de poesia de Julien Rossignol; e uma caixa de sapatos com centenas de fotografias em preto e branco.

Em cima da caixa, um pedaço de papel amarelado e desbotado.

Minhas mãos tremem quando o pego. É uma *carte d'identité*, uma carteira de identidade, da guerra. Olho para a pequena foto de uma mulher jovem, do tamanho de uma foto de passaporte. *Juliette Gervaise*.

– Mãe?

Ouço meu filho nos degraus que rangem na escada, passos que combinam com as batidas do meu coração. Será que ele já tinha me chamado antes?

– Mãe? A senhora não devia subir aí. Os degraus estão bambos. – Ele fica a meu lado. – Se a senhora cair...

Seguro a perna da calça dele, balanço a cabeça devagar. Não consigo olhar para cima.

– Não. – É tudo o que consigo dizer.

Ele se abaixa, senta-se a meu lado. Sinto o perfume de sua loção pós-barba, um tanto refinada e sedutora, e também há um leve cheiro de tabaco. Foi fumar um cigarro escondido lá fora, um hábito do qual desistiu décadas atrás e ao qual retornou depois de meu recente diagnóstico. Não há motivo para expressar minha desaprovação em voz alta: ele é médico; sabe melhor do que eu.

Meu instinto diz para jogar a carteira de identidade no baú e fechar a tampa para escondê-la de novo. É o que fiz a vida inteira.

Mas agora estou morrendo. Não depressa, talvez, mas tampouco lentamente, e me sinto compelida a examinar meu passado.

– Mãe, a senhora está chorando.

– Estou?

Quero dizer a verdade, mas não consigo. Sinto-me constrangida e envergonhada por essa falha. Na minha idade, eu não deveria ter mais medo de nada – com certeza não do meu passado.

– Quero levar esse baú – digo apenas.

– É grande demais. Eu posso pôr o que a senhora quiser numa caixa menor.

Sorrio ante sua tentativa de me controlar.

– Eu amo você e estou doente de novo. É por essas razões que deixo você me controlar, mas ainda não estou morta. Quero levar esse baú comigo.

– Por que precisa disso tudo? São só desenhos nossos e outras bobagens.

Se eu tivesse contado a verdade muito tempo atrás, ou tivesse bebido mais, dançado mais, talvez ele me visse como eu *sou*, não como uma mãe normal e dependente. Meu filho ama uma versão incompleta de mim. Sempre pensei que isto era o que eu desejava: ser amada e admirada. Agora, acho que talvez eu preferisse ser conhecida.

– Pense nisso como meu último desejo.

Percebo que ele quer me dizer para não falar desse jeito, mas tem medo de que sua voz traia seus pensamentos. Pigarreia.

– A senhora já venceu essa luta duas vezes. Vai vencer mais uma.

Nós dois sabemos que não é verdade. Eu estou fraca. Não consigo nem comer nem dormir sem ajuda da medicina.

– Claro que vou.

– Só quero que não se arrisque.

Sorrio. Os americanos conseguem ser tão ingênuos.

Houve uma época em que partilhei desse otimismo. Achava que o mundo era um lugar seguro. Mas isso foi há muito tempo.

– Quem é Juliette Gervaise? – pergunta Julien, e fico um pouco chocada de ouvir aquele nome dito por ele.

Fecho os olhos naquela escuridão com cheiro de mofo e vidas passadas, e meus pensamentos voltam no tempo, uma linha lançada através de anos e continentes. Contra minha vontade – ou talvez a favor; quem sabe agora? –, eu me recordo.

DOIS

D

As luzes se apagam por toda a Europa;
Nunca mais as veremos acesas.
– Sir Edward Grey, sobre a Primeira Guerra Mundial

Agosto de 1939
França

Vianne Mauriac saiu da cozinha fresca com parede de estuque e foi para a varanda da frente. Na linda manhã de verão no vale do Loire, tudo estava florescendo. Lençóis brancos se agitavam na brisa e, como sorrisos dispostos em cascatas, as rosas cobriam a velha muralha de pedra que escondia sua casa da estrada. Um par de abelhas trabalhava entre os botões de flor. Ao longe, ela ouviu o matraquear rítmico de um trem, seguido pelo som meigo da risada de uma garotinha.

Sophie.

Vianne sorriu. Provavelmente a filha de 8 anos estava correndo pela casa, com o pai fazendo todas as suas vontades, enquanto eles se preparavam para o piquenique de sábado.

– Sua filha é uma tirana – disse Antoine, aparecendo na porta.

Veio andando na direção dela, o cabelo preto luzindo de brilhantina sob o sol. Estivera trabalhando com os móveis naquela manhã – lixando uma cadeira que já parecia lisa como cetim – e uma fina camada de pó salpicava seu rosto e seus ombros.

Era um homem grande, alto e de ombros largos, com um rosto áspero e uma sombra escura no queixo que exigia constantes esforços para não se transformar em uma barba.

Passou o braço em torno dela e puxou-a para mais perto.

– Eu te amo, Vi.

– Eu também te amo.

Era o fato mais verdadeiro do mundo. Ela amava tudo naquele homem: o sorriso, o jeito de murmurar enquanto dormia, como ele dava risada depois de espirrar ou como cantava ópera no chuveiro.

Tinha se apaixonado por ele fazia quinze anos, no pátio da escola, antes mesmo de saber o que era o amor. Ele foi seu primeiro tudo – o primeiro beijo, o primeiro amor, o primeiro amante. Antes dele, Vianne era uma garota magricela, desajeitada e ansiosa que tendia a gaguejar quando se sentia intimidada, o que era frequente.

Uma garota órfã de mãe.

Agora você vai ser a adulta, disse o pai a Vianne quando chegaram àquela mesma casa pela primeira vez. Ela estava com 14 anos, os olhos inchados de tanto chorar, sentindo uma tristeza inconsolável. Em um instante, a casa tinha deixado de ser o refúgio de verão da família para se transformar em uma espécie de prisão. A mãe tinha morrido havia menos de duas semanas quando o pai desistiu de ser pai. Ao chegarem ali, ele não segurou a mão dela e passou os braços em volta de seus ombros, nem ao menos ofereceu um lenço para enxugar suas lágrimas.

M-mas... eu ainda sou uma menina, disse Vianne.

Não é mais.

Vianne olhou para a irmã mais nova, Isabelle, que ainda chupava o polegar aos 4 anos e não fazia ideia do que estava acontecendo. Isabelle não parava de perguntar quando a mãe iria voltar para casa.

Quando a porta se abriu, surgiu uma mulher alta e magra, com um nariz que parecia uma torneira e olhos tão miúdos que pareciam uvas-passas.

Essas são as meninas?, perguntou a mulher.

O pai aquiesceu.

Não serão problema.

Tudo aconteceu muito depressa. Vianne nem entendeu direito. O pai abandonou as filhas como duas trouxas de roupa suja, deixando-as com uma estranha. Era tanta a diferença de idade entre as meninas que as duas poderiam ser de famílias diferentes. Vianne gostaria de consolar Isabelle – queria muito –, mas se sentia tão triste que era impossível pensar em outra pessoa, em especial numa garota tão voluntariosa, espalhafatosa e impaciente como Isabelle. Vianne ainda se lembrava daqueles primeiros dias ali: Isabelle gritando e madame espancando-a. Vianne tentava convencer a irmã, dizendo vezes sem conta: *Mon Dieu, Isabelle, pare com esses gritos. Faça o que ela mandar*. Mas, mesmo aos 4 anos, Isabelle já se mostrava intratável.

Vianne ficara abalada e frágil com tudo aquilo – com a tristeza pela morte da mãe, a dor pelo abandono do pai, a súbita mudança de vida e o cansaço que a solidão e a carência de Isabelle lhe causavam.

Foi Antoine quem salvou Vianne. Naquele primeiro verão depois da morte da mãe, os dois se tornaram inseparáveis. Com ele, Vianne encontrou uma saída. Aos 16 anos, estava grávida; aos 17, estava casada e era a senhora de Le Jardin. Dois meses depois, sofreu um aborto e ficou perdida por algum tempo. Não havia outra forma para descrever seu estado. Aninhou-se em seu pesar como que em um casulo, indiferente a qualquer coisa ou a qualquer um – principalmente a uma irmã carente e rabugenta.

Mas tudo aquilo eram coisas do passado. Não era o tipo de lembrança que desejasse ter num dia lindo como aquele.

Abraçou o marido enquanto a filha corria até eles, anunciando:

– Já estou pronta. Vamos.

– Bem, já que a princesa está pronta, é melhor irmos logo – comentou Antoine.

Vianne sorriu e foi até a casa para pegar o chapéu em um cabide à porta. Com seus cabelos muito claros, uma pele fina como porcelana e olhos azuis como o mar, ela sempre se protegia do sol. Quando terminou de colocar o chapéu de abas largas, de pegar suas luvas de renda e a cesta de piquenique, Sophie e Antoine já estavam do outro lado do portão.

Vianne os acompanhou pelo caminho de terra que levava à casa deles. Na largura, mal cabia um automóvel. À frente, estendiam-se acres de campo de feno, os tons de verde aqui e acolá pontilhados de papoulas vermelhas e flores azuis conhecidas como escovinha. Os bosques se espalhavam como remendos. Nessa região do vale do Loire, os campos produziam mais feno que uvas. Embora só ficasse a duas horas de trem de Paris, parecia um mundo totalmente diferente. Poucos turistas visitavam o local, mesmo durante o verão.

De vez em quando passava um automóvel roncando, um ciclista ou uma carroça puxada por boi, mas durante a maior parte do tempo eles andavam pela estrada completamente sozinhos. Moravam a pouco mais de 1 quilômetro de Carriveau, uma cidade com menos de mil habitantes e que era conhecida principalmente por ter sido um ponto de parada na peregrinação de Joana d'Arc. A cidade não tinha indústrias e a oferta de empregos era pequena – a não ser para os que trabalhavam no aeroporto, que era o orgulho de Carriveau. O único de seu tipo em quilômetros.

Na cidade, estreitas ruas de paralelepípedos passavam por antigas construções de calcário apoiadas umas nas outras. A argamassa se desfazia nas paredes

de pedra e a hera escondia a decadência – que não era vista, mas sempre sentida. A aldeia havia sido construída parte a parte – ruas tortas, escadas irregulares, becos sem saída –, durante centenas de anos. As cores avivavam as construções de pedra: toldos vermelhos emoldurados em metal preto, sacadas de ferro trabalhado enfeitadas com gerânios plantados em vasos de terracota. Tudo na cidade atraía o olhar: um balcão repleto de *macarons* em tons pastel, cestas de vime artesanais repletas de queijo, presunto e *saucisson*, caixotes de tomates, berinjelas e pepinos coloridos. As cafeterias estavam lotadas naquele dia de sol. Homens sentavam-se ao redor de mesas de metal, tomando café, fumando cigarros pardos enrolados à mão e discutindo em voz alta.

Um dia típico em Carriveau: monsieur LaChoa varrendo a calçada em frente à sua *saladerie*, madame Clonet limpando a vitrine de sua loja de chapéus, uma turma de garotos adolescentes vagando pela cidade, ombro a ombro, chutando latas de lixo e passando cigarros de mão em mão.

Quando chegaram ao limite da cidade, eles tomaram a direção do rio. Em um trecho plano e gramado próximo à margem, Vianne depositou sua cesta e abriu uma manta sob a sombra de uma nogueira. Da cesta de piquenique, retirou uma baguete crocante, um naco de queijo cremoso, duas maçãs, algumas fatias de presunto de Bayonne tão finas quanto papel e uma garrafa de Bollinger 1936. Serviu um copo de champanhe para o marido e sentou-se a seu lado enquanto Sophie corria até a margem do rio.

O dia transcorreu em um torpor prazeroso acalentado pelo sol. Todos conversaram e deram risada no piquenique familiar. Foi só mais tarde, quando Sophie estava afastada com sua vara de pescar e Antoine fazia uma coroa de margaridas para a filha, que ele falou:

– Logo Hitler vai nos arrastar para essa guerra dele.

Guerra.

Era só sobre isso que todos falavam naquele tempo, mas Vianne não queria ouvir a respeito. Principalmente em um dia de verão tão adorável.

Sombreou os olhos com uma das mãos e olhou para a filha. Depois do rio, o grande vale do Loire surgia cultivado com cuidado e precisão. Não havia cercas nem limites, apenas quilômetros de campos verdes ondulantes e aglomerados de árvores, com ocasionais celeiros ou casas de pedra. Minúsculos botões de flor flutuavam no ar como chumaços de algodão.

Vianne se levantou e bateu palmas.

– Vamos, Sophie. Está na hora de voltar pra casa.

– Não se pode ignorar esse fato, Vianne.

– Eu devo me preocupar? Por quê? Você está aqui para nos proteger.

Sorrindo (talvez não com muito entusiasmo), ela recolheu os itens do piquenique, reuniu a família e tomou a direção da estrada de terra.

Em menos de trinta minutos estavam diante do sólido portão de madeira de Le Jardin, a casa de pedra que pertencia à sua família havia trezentos anos. Mais cinzenta que a cor original devido à passagem do tempo, era uma construção de dois andares, com as venezianas azuis das janelas dando para o pomar. A hera subia as duas chaminés e cobria os tijolos da base. Restavam somente sete acres do terreno original. Os outros duzentos haviam sido vendidos ao longo dos dois últimos séculos para compensar a redução da fortuna da família. Sete acres eram o suficiente para Vianne. Nem conseguia imaginar como poderia precisar de mais do que aquilo.

Vianne fechou a porta depois de entrar na casa. Na cozinha, panelas e frigideiras de cobre e ferro fundido pendiam de uma armação de ferro acima do fogão. Lavanda, alecrim e tomilho caíam em tufos secos da madeira exposta das vigas do teto. Uma pia de cobre, esverdeada pelo tempo, era grande o bastante para dar banho em um cachorro pequeno.

O reboco das paredes internas estava descascado aqui e ali, revelando pinturas antigas. A sala de estar era uma mistura eclética de móveis e tecidos – sofá forrado com tapeçaria, tapetes em estilo renascentista, porcelana chinesa antiga, cadeiras estofadas com estampas de cenas clássicas ou motivos florais. Alguns quadros nas paredes eram de boa qualidade – talvez até importantes – e outros eram amadores. Parecia a mistura de fortuna dissipada com bom gosto ultrapassado; um pouco desgastada, porém confortável.

Vianne parou um pouco no salão, olhando pelas portas envidraçadas que levavam ao quintal, onde Antoine empurrava Sophie no balanço que havia construído para ela.

Pendurou o chapéu no cabide da porta com cuidado e pegou o avental, amarrando-o na cintura. Enquanto Sophie e Antoine brincavam lá fora, Vianne preparou o jantar. Pegou um filé rosado de porco e o enrolou, depois amarrou tudo com barbante e untou com óleo quente. Enquanto a carne assava no forno, ela preparou o resto da refeição. Às oito horas, pontualmente, chamou todos para o jantar e não pôde deixar de sorrir ante o tropel de passos, a algaravia da conversa e o arrastar de pés de cadeiras pelo assoalho quando se sentaram.

Sophie sentou-se à cabeceira da mesa, usando a coroa de margaridas que Antoine fizera para ela na margem do rio.

Vianne serviu os pratos. O aroma da comida se espalhava pelo ar – porco assado, com bacon crocante e maçãs recobertas com um molho de vinho encorpado, sobre um leito de batatas coradas. Havia também uma tigela de ervilhas frescas

nadando em manteiga temperada com o estragão do jardim. E, claro, a baguete que Vianne havia feito na manhã do dia anterior.

Como sempre, Sophie falou durante toda a refeição. Era um pouco como sua *tante* Isabelle nesse aspecto – não conseguia conter a própria língua.

Quando afinal chegaram à sobremesa – *île flottante*: ilhas de merengue tostado flutuando num espesso *crème anglaise* –, pairou um silêncio satisfeito na mesa.

– Bem – disse Vianne afinal, empurrando o prato de sobremesa quase vazio –, hora de lavar a louça.

– Ahh, mamãe – resmungou Sophie.

– Sem choramingar – observou Antoine. – Não na sua idade.

Vianne e Sophie foram para a cozinha, como faziam todas as noites, para seus postos – Vianne na grande pia de cobre, Sophie na bancada de pedra – e as duas começaram a lavar e a enxugar os pratos. Vianne sentia o cheiro doce e penetrante do cigarro pós-refeição de Antoine flutuando pela casa.

– Papai não riu de nenhuma das minhas histórias hoje – disse Sophie enquanto Vianne guardava os pratos no armário de madeira rústica afixado na parede. – Tem alguma coisa errada com ele.

– Não riu? Ora, com certeza isso é motivo de *alarme*.

– Ele está preocupado com a guerra.

A guerra. De novo.

Vianne enxotou a filha da cozinha. No andar de cima, no quarto de Sophie, Vianne sentou-se na cama de casal, ouvindo a filha tagarelar enquanto vestia o pijama e escovava os dentes antes de colocá-la para dormir.

Quando se abaixou para dar um beijo de boa-noite na filha, Sophie falou:

– Eu estou com medo. Vai ter guerra mesmo?

– Não tenha medo – tranquilizou-a Vianne. – Papai vai proteger a gente. – Mas, enquanto falava aquelas palavras, lembrou-se de outra ocasião, quando sua mamãe lhe dissera o mesmo: *Não tenha medo*.

Quando o pai dela foi convocado para a guerra.

Sophie não pareceu convencida.

– Mas...

– Mas nada. Não há por que se preocupar. Agora vá dormir.

Beijou a filha mais uma vez, deixando os lábios por mais tempo que o habitual na bochecha da menininha.

Vianne desceu a escada e foi ao quintal. Lá fora, a noite estava abafada; o ar cheirava a jasmim. Encontrou Antoine sentado em uma das cadeiras de ferro na grama, as pernas esticadas, o corpo pendendo desconfortavelmente para um lado.

Parou perto dele e pôs uma das mãos sobre seu ombro. Ele exalou a fumaça

e deu uma longa tragada no cigarro. Depois olhou para ela. Sob a luz da lua, seu rosto pareceu pálido e sombreado. Quase desconhecido. Enfiou a mão no bolso do colete e tirou um pedaço de papel.

– Fui convocado, Vianne. Assim como a maioria dos homens entre 18 e 35 anos.

– Convocado? Mas... nós não estamos em guerra. Eu não...

– Preciso me apresentar na terça-feira.

– Mas... mas... você é carteiro.

Antoine manteve o olhar nos olhos dela e de repente ela não conseguia mais respirar.

– Parece que agora eu sou soldado.

TRÊS

D

Vianne sabia algumas coisas sobre a guerra. Não conhecia seus estrondos, a fumaça e o sangue, mas o que vinha depois. Embora tivesse nascido em tempos de paz, suas primeiras lembranças eram da guerra. Lembrava-se da mãe chorando ao se despedir do pai. Lembrava-se da fome e de estar sempre com frio. Mas, acima de tudo, lembrava-se de quanto o pai estava diferente quando voltou para casa: mancava, suspirava e sempre se mantinha em silêncio. Foi quando ele começou a beber, a se isolar e a ignorar a família. Depois disso, ela se lembrava de portas batendo, de discussões constantes que terminavam em silêncios constrangedores, dos pais dormindo em quartos separados.

O pai que foi para a guerra não era o mesmo homem que tinha voltado. Ela tentou ser amada por ele; mais importante, tentou continuar amando aquele homem, mas, no final, uma coisa era tão impossível quanto a outra. Depois que ele a despachou para Carriveau, Vianne organizou a própria vida. Enviou cartões de Natal e de aniversário ao pai, mas nunca recebeu nada em retorno e os dois raramente se falavam. O que mais havia a se dizer? Diferentemente de Isabelle, que parecia incapaz de se conformar, Vianne compreendeu – e aceitou – que a morte da mãe tinha dissolvido a família de forma irreparável. Era filha de um homem que simplesmente se recusava a ser pai de suas filhas.

– Eu sei como a guerra assusta você – disse Antoine.

– A linha Maginot vai resistir – replicou ela, tentando soar convincente. – Você vai estar de volta até o Natal.

A linha Maginot eram quilômetros e quilômetros de muralhas de concreto que protegiam a França. Tinham sido construídas ao longo da fronteira com a Alemanha depois da Primeira Guerra, com obstáculos e armamentos. Os alemães não conseguiriam rompê-la.

Antoine a segurou nos braços. O perfume de jasmim era inebriante e, de

repente, Vianne teve a certeza de que, daquele momento em diante, sempre que sentisse o perfume de jasmim, ela se lembraria daquela despedida.

– Eu te amo, Antoine Mauriac, e espero que volte para mim.

Mais tarde, ela não conseguiria se lembrar dos dois entrando na casa, subindo a escada, deitando-se na cama e despindo um ao outro. Lembrava-se apenas de estar nua nos braços dele, deitada sob seu corpo enquanto ele fazia amor de uma forma como nunca fizera antes, com beijos frenéticos e impacientes e mãos que pareciam querer rasgá-la enquanto se abraçavam.

– Você é mais forte do que imagina, Vi – disse ele depois, quando se deitaram em silêncio e enlaçados.

– Não sou, não – sussurrou ela, baixo demais para que ele conseguisse ouvir.

X

Na manhã seguinte, Vianne queria manter Antoine na cama o dia todo, talvez até convencê-lo de que os dois deveriam fazer as malas e fugir como ladrões no meio da noite.

Mas para onde eles iriam? A guerra pairava sobre toda a Europa.

Quando estava lavando os pratos, depois de preparar o café da manhã, sua cabeça latejava.

– Você parece triste, mamãe – comentou Sophie.

– Como posso estar triste num lindo dia de verão em que vamos visitar as nossas melhores amigas? – O sorriso de Vianne foi um pouco alegre demais.

Já estava do lado de fora da casa, embaixo das macieiras, quando percebeu que estava descalça.

– Mamãe – chamou Sophie, impaciente.

– Já estou indo – respondeu Vianne, enquanto ia atrás de Sophie pelo quintal, passando pelo velho pombal (agora um barracão de ferramentas de jardim) e pelo celeiro vazio.

Sophie abriu o portão dos fundos e correu pelo bem-cuidado quintal do vizinho em direção a um pequeno chalé de pedra com venezianas azuis.

A menina bateu à porta uma vez, não obteve resposta e entrou.

– Sophie! – ralhou Vianne, mas sua advertência caiu em ouvidos moucos.

Não havia necessidade de boas maneiras na casa de uma grande amiga – e Rachel de Champlain era a melhor amiga de Vianne fazia quinze anos. As duas haviam se conhecido um mês depois do pai de Vianne abandonar as filhas de forma tão reprovável em Le Jardin.

Desde então as duas formaram uma dupla: Vianne frágil, pálida e nervosa e Rachel alta como os garotos, com sobrancelhas que cresciam mais depressa que capim e voz de fagote. Forasteiras, as duas, até se conhecerem. Tornaram-se inseparáveis na escola e continuaram amigas durante os anos seguintes. Foram à faculdade juntas e ambas se formaram professoras. Ficaram até grávidas ao mesmo tempo. Agora as duas lecionavam na escola local, em salas de aula contíguas.

Rachel apareceu na porta aberta, com o filho recém-nascido nos braços, Ariel.

As duas trocaram um olhar. Nele estava tudo o que sentiam e temiam.

– Acho que hoje o dia requer um vinho, não acha? – propôs Rachel.

– No mínimo.

Vianne entrou com a amiga em uma sala pequena, iluminada e bem-arrumada. Um vaso cheio de flores silvestres adornava uma mesa de madeira rústica sobre cavaletes, flanqueada por cadeiras descombinadas. No canto da sala de jantar havia uma valise de couro com o chapéu de feltro favorito de Marc, o marido de Rachel. A dona da casa serviu dois copos de vinho branco e pegou uma travessa de barro cheia de *canelés*. Em seguida, as duas saíram da casa.

No pequeno quintal dos fundos, rosas cresciam ao lado de cercas vivas de alfena. Uma mesa e quatro cadeiras estavam distribuídas aleatoriamente em um pátio de pedra. Lanternas antigas pendiam dos galhos de uma nogueira.

Vianne pegou um *canelé* e deu uma mordida, saboreando o recheio de creme de baunilha e a crosta crocante e levemente queimada. Ela se sentou.

Rachel sentou-se à sua frente, com o bebê dormindo no colo. O silêncio parecia se expandir entre as duas, preenchendo seus temores e apreensões.

– Fico me perguntando se ele vai conhecer o pai – disse Rachel, olhando para o bebê.

– Eles vão voltar diferentes – respondeu Vianne, lembrando-se da infância.

O pai estivera na Batalha do Somme, na qual 750 mil de homens perderam a vida. Rumores de atrocidades por parte dos alemães voltaram para casa com os poucos sobreviventes.

Rachel passou o bebê para o ombro, dando tapinhas suaves nas suas costas.

– Marc não é bom em trocar fraldas. E Ari adora dormir na nossa cama. Acho que agora não vai ter mais problema.

Vianne sentiu um esboço de sorriso. Era uma coisa pequena, essa piada, mas ajudou.

– O ronco de Antoine é um terror. Agora acho que vou dormir melhor.

– E podemos comer ovo poché no jantar.

– Só metade da roupa para lavar – continuou Vianne, mas sua voz começou a embargar. – Eu não tenho forças para isso, Rachel.

– Claro que tem. Nós vamos enfrentar isso juntas.

– Antes de eu conhecer Antoine...

Rachel fez um gesto indiferente com a mão.

– Eu sei, eu sei. Você era magra como um graveto, gaguejava quando ficava nervosa e era alérgica a tudo. Eu sei. Eu estava lá. Mas agora tudo isso acabou. Você vai ser forte. E sabe por quê?

– Por quê?

O sorriso de Rachel esmaeceu.

– Eu sei que sou grande... escultural, como eles gostam de dizer quando me vendem meias e sutiãs. Mas eu me sinto... insegura com isso, Vi. E vou precisar me apoiar em você às vezes também. Não com *todo* o meu peso, é claro.

– Então, nós não podemos desabar ao mesmo tempo.

– *Voilà* – confirmou Rachel. – Vai ser o nosso plano. Será que agora devemos passar para um conhaque ou um gim?

– São dez da manhã.

– Tem razão. É claro. Um French 75.

X

Quando Vianne acordou na manhã de terça-feira, a luz do sol se despejava pela janela, esmaltando as madeiras expostas.

Antoine estava sentado em uma cadeira perto da janela, uma cadeira de balanço de nogueira que havia construído durante a segunda gravidez de Vianne. Por anos aquela cadeira de balanço vazia zombara deles. Os anos dos abortos, como eles se referiam agora. Desolação em uma terra de fartura. Três vidas perdidas em quatro anos; três minúsculas pulsações cardíacas, mãos azuladas. Então, milagrosamente: um bebê sobrevivente. Sophie. Havia tristes fantasminhas nos veios da madeira daquela cadeira, mas havia também boas lembranças.

– Talvez fosse melhor você levar Sophie para Paris – sugeriu Antoine quando ela sentou na cama. – Julien poderia cuidar de vocês.

– Meu pai já deixou bem claro o que acha de morar com as filhas. Não posso esperar que ele vá nos receber bem. – Vianne empurrou a colcha de matelassê de lado e saiu da cama, pisando descalça no tapete gasto.

– Você vai ficar bem?

– Eu e Sophie vamos ficar bem. E você vai voltar logo para casa. A linha Maginot vai resistir. E Deus sabe que os alemães não são páreo para nós.

– Pena que as armas deles sejam. Tirei todo o nosso dinheiro do banco. Deixei

65 mil francos dentro do colchão. Use com cuidado, Vianne. Junto com o seu salário de professora, deve durar um bom tempo.

Vianne sentiu um lampejo de pânico. Ela não entendia quase nada de finanças. Era Antoine quem cuidava desse assunto.

Ele se levantou devagar e abraçou a mulher. Vianne quis poder engarrafar a segurança que sentiu naquele momento para poder beber mais tarde, quando estivesse ressequida de medo e solidão.

Lembre-se disso, pensou. A maneira como a luz iluminava os cabelos revoltos do marido, o amor em seus olhos castanhos, os lábios rachados que a tinham beijado uma hora atrás, no escuro.

Pela janela aberta atrás deles, Vianne ouviu o clope-clope-clope vagaroso e ritmado de um cavalo na estrada e o tilintar da carroça sendo puxada.

Era monsieur Quillian a caminho do mercado com suas flores. Se Vianne estivesse no quintal, ele pararia para lhe dar uma flor, dizendo que não se comparava a sua beleza; ela iria sorrir, dizer *merci* e lhe oferecer algo para beber.

Vianne se afastou com relutância. Foi até a penteadeira de madeira, despejou um pouco de água tépida de uma jarra azul em uma bacia e lavou o rosto. Na alcova que servia como guarda-roupa do casal, atrás de um par de cortinas brancas e douradas de tule, ela se vestiu. Alisou a meia de seda com debrum de renda até a parte de cima das pernas, prendeu-as com as ligas e entrou em um vestido de algodão de gola rendada quadrada. Quando se virou e fechou a cortina, Antoine não estava mais lá.

Pegou a bolsa e saiu pelo corredor para ir ao quarto de Sophie. Assim como o do casal, era um cômodo pequeno, com teto de madeira inclinado, assoalho de tábuas largas e uma janela que dava para o pomar. A cama de ferro trabalhado, a mesa de cabeceira com um abajur de segunda mão e o armário pintado de azul completavam o ambiente. Os desenhos de Sophie decoravam as paredes.

Vianne abriu as venezianas e deixou a luz inundar o quarto.

Como de hábito nos meses quentes de verão, Sophie tinha chutado a coberta para o chão durante a noite. O ursinho de pelúcia cor-de-rosa, Bebê, dormia encostado em sua bochecha.

Vianne pegou o ursinho, observando seu focinho desgastado de tantas carícias. No ano passado, empolgada com novos brinquedos, Sophie tinha deixado Bebê esquecido em uma prateleira perto da janela.

Agora Bebê estava de volta.

Vianne se debruçou para beijar o rosto da filha.

Sophie acordou e rolou na cama, piscando.

– Eu não quero que o papai vá embora, mamãe – murmurou.

Estendeu a mão para pegar Bebê, praticamente arrancando-o de Vianne.

– Eu sei – suspirou Vianne. – Eu sei.

Vianne andou até o armário, de dentro do qual tirou o vestidinho de marinheiro favorito de Sophie.

– Posso usar a coroa de margaridas que papai fez para mim?

A coroa de margaridas estava jogada na mesa de cabeceira, as florezinhas já ressecadas. Vianne pegou-a com cuidado e ajeitou-a na cabeça de Sophie.

Vianne achou que tudo estava indo bem, até entrar na sala de estar e ver Antoine.

– Papai? – Sophie ajeitou a coroa de margaridas ressecadas, hesitante. – Não vá embora.

Antoine se ajoelhou e puxou Sophie para um abraço.

– Preciso virar soldado para manter você e mamãe em segurança. Mas vou voltar antes do que imagina.

Vianne ouviu o embargo na voz dele.

Sophie se afastou, a coroa de margaridas pendendo de lado.

– Você promete que vai voltar para casa?

Antoine desviou o olhar do rosto sincero da filha para a expressão preocupada de Vianne.

– *Oui* – respondeu ele afinal.

Sophie assentiu com a cabeça.

Os três saíram da casa em silêncio. Caminharam de mãos dadas pela rampa que levava ao celeiro de madeira cinzenta. Um capim dourado recobria o montículo até a altura dos joelhos; arbustos de lilases, grandes como carroças de feno, cresciam ao longo dos limites do terreno. Três pequenas cruzes brancas eram tudo o que restava neste mundo para registrar os bebês perdidos por Vianne. Hoje, ela não permitiu que seu olhar vagasse por lá. Suas emoções já estavam pesadas o suficiente; não poderia aumentar ainda mais esse peso com tais lembranças.

O velho Renault verde se encontrava dentro do celeiro. Quando todos estavam no automóvel, Antoine ligou o motor, saiu de ré e partiu pelas fitas de grama ressecada que seguia para a estrada. Vianne ficou olhando através da pequena janela empoeirada, observando o vale verde passar como um borrão de imagens conhecidas – casas cobertas de telhas vermelhas, chalés de pedra, campos de feno e uvas, bosques de árvores espigadas.

Chegaram à estação ferroviária perto de Tours depressa demais.

A plataforma estava lotada de jovens carregando malas, mulheres dando beijos de despedida e crianças chorando.

Uma geração de homens indo para a guerra. Mais uma vez.

Não pense nisso, repreendeu-se Vianne. *Não se lembre de como foi da última vez, quando os homens voltaram para casa mancando, os rostos queimados, os braços e pernas amputados...*

Vianne apertou a mão do marido quando Antoine comprou as passagens e as levou até o trem. No vagão de terceira classe – quente e abafado, com pessoas amontadas como juncos em um charco –, ela se sentou ereta, ainda segurando a mão do marido, com a bolsa no colo.

Quando chegaram ao destino, mais de uma dezena de homens desembarcaram. Vianne, Sophie e Antoine acompanharam os homens por uma rua de paralelepípedo de um vilarejo encantador, como a maioria das pequenas comunidades de Touraine. Como era possível que a guerra estivesse chegando e que essa fantástica cidadezinha, com suas flores pendentes e paredes rachadas, estivesse recrutando soldados para lutar?

Antoine a puxou pela mão, fazendo com que continuasse a andar. Quando ela havia parado?

À frente, um conjunto de portões de ferro altos, recém-construídos, se articulava em uma muralha de pedra. Atrás dela havia fileiras de abrigos teporários.

Os portões foram abertos. Um soldado montado saiu para receber os recém-chegados, a sela de couro rangendo na marcha do cavalo, o rosto empoeirado e afogueado de calor. Puxou as rédeas e o cavalo parou, bufando e balançando a cabeça. Um avião passou voando acima deles.

– Muito bem, homens – disse o soldado. – Levem seus documentos ao tenente ali perto do portão. Agora. Vamos.

Antoine beijou Vianne com uma delicadeza que quase a fez chorar.

– Eu te amo – disse com os lábios ainda nos dela.

– Eu também te amo – ecoou ela.

Mas as palavras que sempre pareceram tão grandiosas agora soaram pequenas. O que era o amor quando confrontado com a guerra?

– Eu também, papai. Eu também! – gritou Sophie, jogando-se nos braços do pai.

Os três se abraçaram uma última vez como família, até Antoine se afastar.

– Até logo – disse ele.

Vianne não conseguiu responder nada. Ficou olhando enquanto ele se afastava, viu quando se misturou à multidão de jovens que conversavam e davam risada, então não pode mais distingui-lo. Os grandes portões de ferro se fecharam com um estrondo, o clangor de metal reverberando no ar quente e empoeirado, deixando Vianne e Sophie sozinhas no meio da rua.

QUATRO

D

Junho de 1940
França

A aldeia medieval dominava uma colina de um verde denso e exuberante. Parecia ter saído da vitrine de uma confeitaria: um castelo de caramelo esculpido, com janelas de glacê e venezianas da cor de maçãs cristalizadas. Bem mais abaixo, um lago de um azul profundo absorvia o reflexo das nuvens. Jardins bem-cuidados permitiam que os moradores da aldeia – e, mais importante, seus convidados – passeassem pelo local, onde só se falava de temas apropriados.

No salão de jantar formal, Isabelle Rossignol sentava-se rígida e ereta a uma mesa coberta com uma toalha branca e que poderia acomodar 24 pessoas com facilidade. Tudo naquele recinto era claro. As paredes, o piso e o teto eram trabalhados em uma pedra cor de ostra. A cobertura se arqueava em uma abóboda de 7 metros de altura. O som reverberava pelo salão frio, tão contido quanto seus ocupantes.

Madame Dufour ocupava a cabeceira da mesa, usando um vestido preto e discreto que revelava uma depressão profunda e do tamanho de uma colher de sopa na base do pescoço longo. Seu único adorno era um solitário broche de diamantes (*Somente uma joia, senhoras, e bem-escolhida; tudo o que usamos emite um sinal, e falar muito alto é sinal de vulgaridade*). Seu rosto fino terminava em um queixo rombudo, emoldurado por mechas tão obviamente tingidas que desfaziam a desejada impressão de juventude.

– O truque – ia dizendo ela em uma voz cultivada, com pausas e meneios – é se comportar sempre de forma discreta e silenciosa ao longo de sua tarefa.

Todas as garotas à mesa usavam o casaco e o blazer de lã que eram o uniforme da escola. Não era tão ruim no inverno, mas, nessa tarde quente de junho, o conjunto era insuportável. Isabelle sentiu que começava a suar e não

havia lavanda ou sabonete que conseguissem disfarçar o cheiro forte de sua transpiração.

Olhou para a laranja com casca colocada no meio de seu prato de porcelana de Limoges. Os talheres repousavam num arranjo preciso dos dois lados do prato. Garfo para salada, garfo do prato principal, faca, colher, faca de manteiga, garfo para peixe. E assim por diante.

– Muito bem – disse madame Dufour. – Peguem os utensílios corretos... em silêncio, *s'il vous plaît*, em silêncio, e descasquem a laranja.

Isabelle pegou o garfo e tentou fincar suas pontas na casca grossa da laranja, mas ela rolou pela borda adornada do prato, fazendo a porcelana tilintar.

– *Merde* – murmurou, pegando a fruta antes que caísse no chão.

– *Merde?* – Madame Dufour estava ao lado dela.

Isabelle saltou na cadeira. *Mon Dieu*, a mulher se movia como uma víbora na mata.

– Perdão, madame – disse Isabelle, colocando a laranja novamente no prato.

– Mademoiselle Rossignol – continuou madame. – Como pode ter dado sua graça aos nossos salões por dois anos e ter aprendido tão pouco?

Isabelle espetou mais uma vez o garfo na laranja. Com um movimento deselegante – porém eficiente. Depois sorriu para a madame.

– Em geral, madame, a deficiência do aprendizado dos alunos corresponde à ineficiência no ensino dado pelos professores.

Um arquejo percorreu toda a mesa.

– Ah – respondeu madame. – Então nós somos a razão pela qual a senhorita ainda não consegue comer uma laranja de forma apropriada.

Isabelle tentou cortar a casca da laranja – com muita força, muito bruscamente. A lâmina de prata resvalou na casca rugosa e bateu no prato de porcelana.

Madame Dufour estendeu a mão, dando um bote, e seus dedos se enroscaram no pulso de Isabelle.

De todos os lados da mesa, as garotas observavam.

– Mantenham uma conversação educada, meninas – pediu madame, com um sorriso tenso. – Ninguém gosta de ser acompanhado por uma estátua durante um jantar.

Àquela observação, as garotas começaram a conversar umas com as outras em voz baixa, sobre coisas que não interessavam a Isabelle. Jardinagem, tempo, moda. Assuntos adequados para mulheres. Isabelle ouviu a garota ao lado dizer em voz baixa:

– Eu gosto tanto de laçarotes. E você?

Realmente, foi difícil conter um grito de raiva.

– Mademoiselle Rossignol – continuou madame. – Vá falar com madame Allard e diga a ela que nossa experiência foi concluída.

– O que significa isso?

– Ela irá compreender. Vá.

Isabelle se afastou logo da mesa, antes que madame mudasse de ideia.

A expressão da mulher se contraiu de desgosto ante ao ruído da cadeira sendo arrastada no piso de pedra.

Isabelle sorriu.

– Sabe que na verdade eu nem gosto de laranja?

– É mesmo? – respondeu a madame, sarcástica.

Isabelle queria fugir correndo daquele salão sufocante, mas já estava com problemas de mais, por isso se obrigou a sair devagar, os ombros para trás, o queixo erguido. Na escada (que ela não conseguia descer ou subir com três livros na cabeça, como exigido), olhou para os lados, viu que não havia ninguém olhando e desceu aos trotes.

No corredor abaixo, desacelerou e se aprumou. Quando chegou ao gabinete da diretora, já respirava normalmente. Bateu à porta.

Ao ouvir a voz monocórdia mandando-a entrar, Isabelle abriu a porta.

Madame Allard sentava-se atrás de uma mesa de mogno com relevos dourados na borda. Tapeçarias medievais pendiam das paredes de pedra do recinto e uma janela em arco com vidros pesados dava para os jardins, que eram tão esculturais que pareciam mais arte que natureza. Nem mesmo os passarinhos pousavam ali; sem dúvida sentiam a atmosfera tensa e passavam direto.

Isabelle sentou-se – lembrando-se tarde demais de que não deveria se sentar sem ser convidada. Voltou a se levantar.

– Perdão, madame.

– Sente-se, Isabelle.

Foi o que fez, cruzando os tornozelos e juntando as mãos, como se exige de uma dama.

– Madame Dufour pediu que eu lhe dissesse que a experiência está concluída.

A mulher pegou um das canetas-tinteiro de Murano da mesa e começou a dar batidinhas no tampo.

– Por que está aqui, Isabelle?

– Eu odeio laranja.

– Perdão?

– E se eu *quisesse* chupar uma laranja... o que eu, honestamente, madame, não faria porque não gosto da fruta..., eu usaria as mãos, como os americanos. Aliás, como todo mundo. Garfo e faca para comer uma laranja?

– Eu quis dizer: por que você está nesta escola?

– Ah. Isso. Bem, fui expulsa do Convento do Sagrado Coração de Avignon. Por nenhum motivo, devo acrescentar.

– E a Irmandade de São Francisco?

– Ah. Eles tiveram razão para me expulsar.

– E a escola anterior?

Isabelle não sabia o que dizer.

Madame deixou a caneta-tinteiro na mesa.

– Você está com quase 19 anos.

– *Oui*, madame.

– Acho que já está na hora de sair.

Isabelle se levantou.

– Devo voltar à aula da laranja?

– Você não entendeu. Eu quis dizer que está na hora de sair da escola, Isabelle. Acho que já ficou claro que não está interessada em aprender o que temos para lhe ensinar.

– Ensinar como comer uma laranja e quando passar queijo no pão? E quem é mais importante... o segundo filho de um duque ou uma filha não herdeira ou um embaixador de um país pouco expressivo? Madame, a senhora sabe o que está acontecendo no mundo?

Isabelle podia até estar enfurnada em uma cidade do interior, mas sabia. Mesmo ali, isolada entre sebes e sufocada por boas maneiras, ela sabia o que estava acontecendo na França. À noite, em sua cela monástica, enquanto as colegas de classe dormiam, ela continuava acordada até altas horas, ouvindo a BBC em seu rádio clandestino. A França tinha se aliado à Inglaterra para declararem de guerra à Alemanha e Hitler estava em movimento. Por toda a França, as pessoas estocavam comida, preparavam cortinas de blecaute e aprendiam a viver como toupeiras no escuro.

Todos estavam preparados, preocupados... por nada.

Mês após mês, nada acontecia.

No início, as pessoas só falavam da Grande Guerra, das perdas que atingiram tantas famílias, mas à medida que os meses se passavam e a guerra não *acontecia*, Isabelle começara a ouvir as professoras comentando que aquilo era uma *drôle de guerre*, a falsa guerra. O verdadeiro horror só estava acontecendo em outro lugar da Europa; na Bélgica, na Holanda e na Polônia.

– E as boas maneiras não se aplicam à guerra, Isabelle?

– Não se aplicam *agora* – replicou Isabelle de forma impulsiva, logo desejando não ter dito nada.

A madame ficou em pé.

– Nunca fomos o lugar certo para você, mas...

– Meu pai teria me posto em qualquer lugar para se livrar de mim.

Isabelle preferia vociferar a verdade a ter de ouvir outra mentira. Havia aprendido muitas lições na série de escolas e conventos em que vinha morando fazia mais de uma década, porém, acima de tudo, aprendera que só podia contar consigo mesma. Com certeza não podia contar com o pai nem com a irmã.

Madame olhou para Isabelle. Torceu muito levemente o nariz, numa indicação de reprovação educada, embora dolorosa.

– É difícil para um homem perder a esposa.

– É difícil para uma menina perder a mãe. – Isabelle sorriu de maneira desafiadora. – Mas eu perdi os dois pais, não foi? Ela morreu e ele virou as costas para mim. Não sei o que doeu mais.

– *Mon Dieu*, Isabelle, você sempre precisa dizer o que lhe vem à cabeça?

Isabelle vinha ouvindo aquela crítica a vida toda, mas por que deveria conter a língua? Ninguém escutava o que ela dizia mesmo.

– Então você vai embora hoje. Vou mandar um telegrama ao seu pai. Tómas vai levá-la até a estação.

– Esta noite? – Isabelle piscou. – Mas... papai não me quer.

– Ah. Consequências – disse madame. – Talvez agora você perceba que as consequências devem ser consideradas.

X

Mais uma vez, Isabelle estava sozinha em um trem, rumo a uma recepção desconhecida.

Olhava através do vidro sujo e sarapintado da janela para uma paisagem bucólica que passava rapidamente: campos de feno, telhados vermelhos, chalés de pedra, pontes cinzentas, cavalos.

Tudo parecia igual ao que sempre fora e isso a surpreendia. A guerra se aproximava e Isabelle imaginava que, de algum modo, suas marcas seriam visíveis no interior, mudando a cor da grama, matando as árvores ou espantando os pássaros, mas agora, viajando naquele fumegante trem rumo a Paris, ela via que tudo estava normal.

O trem parou na Gare de Lyon. Isabelle pegou a pequena valise a seus pés e a pôs no colo. Enquanto observava os passageiros passarem pelo corredor para sair do vagão, a questão que vinha evitando voltou.

Papai.

Queria acreditar que ele a receberia bem em casa, que enfim abriria os braços e diria seu nome de forma amorosa, como fazia antes, quando a mãe ainda era a cola que os mantinha juntos.

Voltou a olhar para a valise desgastada.

Tão pequena.

A maioria das garotas das escolas em que estudara chegava com uma coleção de baús amarrados por tiras de couro e cheios de rebites de latão. Ostentavam fotografias nas escrivaninhas e lembranças nas mesas de cabeceira, álbuns de fotos nas gavetas.

Isabelle tinha apenas a fotografia emoldurada de uma mulher de quem desejava se lembrar, mas não conseguia. Quando tentava fazer isso, só lhe ocorriam imagens de pessoas chorando, um médico abanando a cabeça e a mãe dizendo algo sobre segurar firme na mão da irmã.

Como se isso ajudasse. Vianne tinha abandonado Isabelle tão prontamente quanto o pai.

Ela percebeu que era a última pessoa no vagão. Pegou sua valise, levantou-se do banco e saiu do trem.

As plataformas estavam cheias de gente. Os trens formavam filas trepidantes, a fumaça enchia o ar, subindo em direção ao teto alto e abobadado. Em algum lugar soou um apito. Grandes rodas de ferro começaram a ranger. A plataforma estremeceu sob seus pés.

O pai dela se destacava, mesmo naquela multidão.

Quando ele a viu, Isabelle percebeu a irritação mudar suas feições, que se transformaram em um esgar de determinação.

O pai era um homem alto, quase 1,90 metro, mas alquebrado pela Grande Guerra. Ou ao menos era o que Isabelle se lembrava de ter ouvido uma vez. Os ombros largos pendiam para baixo, como se tudo o que se passava por sua cabeça o impedisse de pensar na própria postura. Os cabelos rareavam eram grisalhos e despenteados. Tinha um nariz largo e achatado, como uma espátula, e lábios tão finos que mal se notavam. Nesse dia quente de verão, ele usava uma camisa branca amassada com as mangas arregaçadas, uma gravata folgada pendendo do colarinho aberto e uma calça de veludo cotelê que precisava ser lavada.

Isabelle tentou parecer... madura. Talvez fosse isso que o pai quisesse dela.

– Isabelle.

Ela agarrou a valise com as duas mãos.

– Papai.

– Expulsa de mais uma escola.

Isabelle anuiu, engolindo em seco.

– Do jeito que as coisas andam, como vamos encontrar outra escola?

Foi a abertura que ela esperava.

– Eu... quero morar com o senhor, papai.

– Comigo?

Pareceu surpreso e irritado. Mas não era normal querer morar com o pai?

Isabelle deu um passo na direção dele.

– Eu poderia trabalhar na livraria. Não vou atrapalhar sua vida.

Ela respirou fundo com um som de exasperação, esperando. De repente os sons se amplificaram. Começou a ouvir as pessoas falando, as plataformas gemendo debaixo deles, pombos batendo asas acima, um bebê chorando.

Claro, Isabelle.

Vamos para casa.

O pai deu um suspiro enfastiado e começou a andar.

– E então? – falou, olhando para trás. – Você não vem?

X

Deitada sobre uma manta estendida em um gramado de aroma adocicado, Isabelle lia um livro. Perto dela uma abelha zumbia, esvoaçando diligentemente ao redor de uma flor; soava como uma minúscula motocicleta em meio a todo aquele silêncio. Era um dia quente como fogo e fazia uma semana desde que tinha voltado para sua casa em Paris. Mas isso não significava que ela estivesse em *casa*. Sabia que o pai continuava tramando para se livrar dela, mas não queria pensar no assunto naquele dia maravilhoso, naquele ar que cheirava a cerejas e relva doce.

– Você lê demais – disse Christophe, mastigando um ramo de feno. – O que é isso, uma história de amor?

Isabelle rolou na direção dele, fechando o livro com um ruído. Era um livro sobre Edith Cavell, uma enfermeira da Grande Guerra. Uma heroína.

– Eu poderia ser uma heroína de guerra, Christophe.

Ele deu risada.

– Uma garota? Heroína? Que absurdo.

Isabelle se levantou depressa, pegando o chapéu e as luvas brancas femininas.

– Não fique brava – disse Christophe, sorrindo. – Só estou cansado de toda essa conversa de guerra. E é um fato que as mulheres são inúteis na guerra. A função de vocês é esperar o nosso retorno.

Ele apoiou o rosto em uma das mãos e olhou para ela por trás da mecha de cabelos loiros que caía em seus olhos. Em seu blazer de iatista e calças brancas e largas, Christophe parecia ser exatamente o que era – um privilegiado universitário que nunca havia trabalhado na vida. Muitos estudantes da idade dele tinham deixado a faculdade para entrar no Exército. Mas não ele.

Isabelle subiu uma ladeira gramada e atravessou o pomar, chegando ao outeiro onde estava estacionado o Panhard conversível de Christophe.

Já estava atrás do volante, com o motor ligado, quando Christophe apareceu, o rosto bonito e convencional brilhando de suor, a cesta de piquenique vazia pendurada no braço.

– Jogue essa coisa no banco de trás – disse Isabelle com um sorriso radiante.

– Você não vai dirigir.

– Parece que vou. Entre logo.

– O carro é meu, Isabelle.

– Bem, para ser mais precisa, o carro é da sua mãe... e eu sei quanto os fatos são importantes para você, Christophe. Acho mais certo que uma mulher dirija o carro de outra mulher.

Isabelle tentou sorrir quando ele revirou os olhos e resmungou um "tudo bem" enquanto deixava a cesta atrás do banco de Isabelle. Em seguida, andando bem devagar para mostrar sua insatisfação, deu a volta pela frente do carro e ocupou o lugar ao lado dela.

Mal ele bateu a porta, Isabelle engatou a marcha e pisou no acelerador. O automóvel hesitou por um segundo antes de arrancar, soltando fumaça ao ganhar velocidade.

– *Mon Dieu*, Isabelle. Mais devagar.

Isabelle segurava o tremulante chapéu de palha com uma das mãos enquanto dirigia com a outra. Mal reduzia a velocidade ao ultrapassar outros motoristas.

– *Mon Dieu*, mais devagar – repetiu ele.

Com certeza ele sabia muito bem que ela não iria obedecer.

– Nos tempos que correm, as mulheres podem ir para a guerra – disse Isabelle quando o trânsito de Paris afinal a obrigou a desacelerar. – Eu poderia dirigir uma ambulância, talvez. Ou ajudar a decifrar códigos. Ou seduzir o inimigo para obter informações sobre algum plano ou local secreto. Você se lembra daquele jogo...

– A guerra não é um jogo, Isabelle.

– Acho que sei disso, Christophe. Mas, se *houver* guerra, eu posso ajudar. É só o que estou dizendo.

Quando entrou na Rue de l'Amiral de Coligny, Isabelle teve de pisar forte

no freio para não bater em um caminhão. Um comboio da Comédie Française saía do museu do Louvre. Aliás, havia caminhões por todos os lados, com gendarmes uniformizados coordenando o tráfego. Sacos de areia se empilhavam ao redor de vários prédios e monumentos como proteção contra algum ataque – mas não houvera nenhum ataque desde que a França tinha entrado na guerra.

Por que havia tantos policiais por ali?

– Que estranho – murmurou Isabelle, franzindo o cenho.

Christophe esticou o pescoço para ver o que acontecia.

– Estão retirando tesouros do Louvre – falou.

Isabelle viu uma brecha no trânsito e acelerou. Em pouco tempo chegou à porta da loja do pai e parou.

Acenou um adeus a Christophe e entrou na loja. O local era comprido e estreito, repleto de livros do chão ao teto. Durante anos, o pai havia construído prateleiras suspensas para tentar aumentar seu acervo. O resultado dessas "reformas" tinha sido a criação de um labirinto. As pilhas formavam um caminho sinuoso, que levavam cada vez mais para o fundo da livraria, onde estavam os livros para turistas. Algumas pilhas ficavam na claridade; outras, no escuro. Não havia janelas suficientes para iluminar cada recesso ou reentrância. Mas o pai sabia onde estava cada livro, em todas as prateleiras.

– Você está atrasada – disse o pai, olhando de sua escrivaninha, onde fazia alguma coisa com a impressora de tipos móveis.

Provavelmente produzia um de seus livros de poemas, que ninguém nunca comprava. As pontas de seus dedos grossos estavam manchadas de azul.

– Imagino que rapazes sejam mais importantes do que o emprego para você.

Isabelle foi para trás do balcão e sentou-se em frente à caixa registradora. Desde que começara a morar com o pai, havia uma semana, ela vinha fazendo questão de não discutir, embora isso a incomodasse. Ficava batendo o pé, impaciente. Palavras, sentenças – desculpas – clamavam para ser expressas em voz alta. Era difícil não dizer ao pai como se sentia, mas sabia quanto ele queria que fosse embora, por isso continha a língua.

– Está ouvindo isso? – perguntou ele algum tempo depois.

Será que ela adormecera?

Isabelle se endireitou na cadeira. Não tinha ouvido o pai se aproximar, mas agora ele estava a seu lado, franzindo o cenho.

Havia um som estranho na livraria, era verdade. Poeira caía do teto, as prateleiras estremeciam levemente, soando como um bater de dentes. Sombras passavam pelo vidro grosso das vitrines da entrada. Centenas de sombras.

Gente? Tanta gente assim?

O pai foi até a porta. Isabelle desceu do banquinho e o acompanhou. Quando ele abriu a porta, Isabelle viu uma multidão correndo pela rua, enchendo as calçadas.

– Que raios está acontecendo? – murmurou o pai.

Isabelle saiu na frente, abrindo caminho pela multidão.

Um homem trombou com ela com tanta força que Isabelle cambaleou, mas ele nem pediu desculpas. Mais pessoas passaram correndo.

– O que é isso? O que aconteceu? – perguntou ela a um homem corado e arfante que tentava se desvencilhar da multidão.

– Os alemães estão a caminho de Paris – respondeu ele. – Precisamos ir embora. Eu estive na Grande Guerra. Eu sei...

Isabelle ironizou.

– Alemães em Paris? Não é possível.

O homem saiu correndo, oscilando, desequilibrado, abrindo e fechando as mãos ao lado do corpo.

– Nós precisamos ir para casa – disse o pai dela, trancando a porta da livraria.

– Isso não pode ser verdade – rebateu Isabelle.

– A pior coisa sempre pode ser verdade – disse o pai em tom sombrio. – Fique perto de mim – acrescentou, entrando na multidão.

Isabelle nunca tinha visto tal pânico. Luzes se acendiam dos dois lados da rua, automóveis davam partida, portas eram trancadas. Pessoas gritavam e se aproximavam umas das outras, tentando manter contato no meio da confusão.

Isabelle se manteve perto do pai. O pandemônio nas ruas dificultava a caminhada. Os túneis do metrô estavam lotados demais para se transitar por eles, por isso tiveram que ir a pé. Já caía a noite quando os dois afinal chegaram em casa. O pai precisou de duas tentativas para conseguir abrir a porta da frente do prédio, de tanto que suas mãos tremiam. Ignoraram o decrépito elevador de portas de ferro e subiram os cinco lances de escada até o apartamento.

– Não acenda as luzes – orientou o pai enquanto abria a porta.

Isabelle entrou atrás dele e correu para a janela da sala de estar, levantando uma cortina preta para ver a rua.

De longe, ouvia-se um som arrastado. Quando ele aumentou, a janela começou a trepidar, soando como uma pedra de gelo batendo em um copo.

Isabelle ouviu um zumbido alto, segundos antes de ver a esquadrilha negra no céu, como pássaros voando em formação.

Aviões.

– Os boches – sussurrou o pai.

Alemães.

Aviões alemães, voando sobre Paris.

O som do zumbido aumentou ainda mais, soando quase como um grito de mulher, e em algum lugar – talvez no segundo *arrondissement*, imaginou Isabelle – uma bomba explodiu em um clarão de luz sinistro e algo se incendiou.

A sirene de alerta de ataque aéreo começou a soar. O pai fechou todas as cortinas e levou Isabelle escada abaixo. Todos os vizinhos estavam fazendo a mesma coisa, descendo as escadas com casacos, bebês e animais de estimação a fim de chegar ao saguão, para depois continuarem por uma escada de pedra, mais estreita e sinuosa, que levava ao porão. Os dois ficaram lá no escuro, cercados de gente. O ar fedia a mofo, suor e medo – este era o cheiro mais agudo. O bombardeio continuou por muito tempo, estridente e cheio de zumbidos, enquanto as paredes do porão estremeciam ao redor deles e a poeira despencava do teto. Um bebê começou a chorar e ninguém conseguia acalmá-lo.

– Faça essa criança calar a boca, *por favor* – disparou alguém.

– Estou tentando, monsieur. Ele está assustado.

– Todos nós estamos.

Depois do que pareceu uma eternidade, fez-se silêncio. Era quase pior do que o barulho. O que havia restado de Paris?

Quando a sirene indicou que o bombardeio havia terminado, Isabelle se sentia entorpecida.

– Isabelle?

Queria que o pai a abraçasse, segurasse sua mão e a consolasse, mesmo que só por um momento, mas ele logo tomou a direção da escadaria sinuosa e escura do porão. Já no apartamento, Isabelle foi imediatamente para a janela, espiando entre as cortinas para ver a Torre Eiffel. Ainda estava lá, majestosa em meio a uma nuvem espessa de fumaça negra.

– Não fique perto da janela – alertou o pai.

Isabelle se virou lentamente. A única luz no aposento vinha de uma lamparina na mão dele, um lampejo amarelo e doentio bruxuleando no escuro.

– Paris não vai cair – disse ela.

O pai não falou nada. Franziu o cenho. Isabelle imaginou se estaria pensando na Grande Guerra, no que vira nas trincheiras. Talvez seu ferimento estivesse incomodando de novo, em ressonância com o som das bombas caindo e do crepitar das chamas.

– Vá para a cama, Isabelle.

– Como é possível dormir em um momento como este?

O pai deu um suspiro.

– Você vai aprender que muitas coisas são possíveis.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do Universo*; *A vida, o Universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*, *Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br